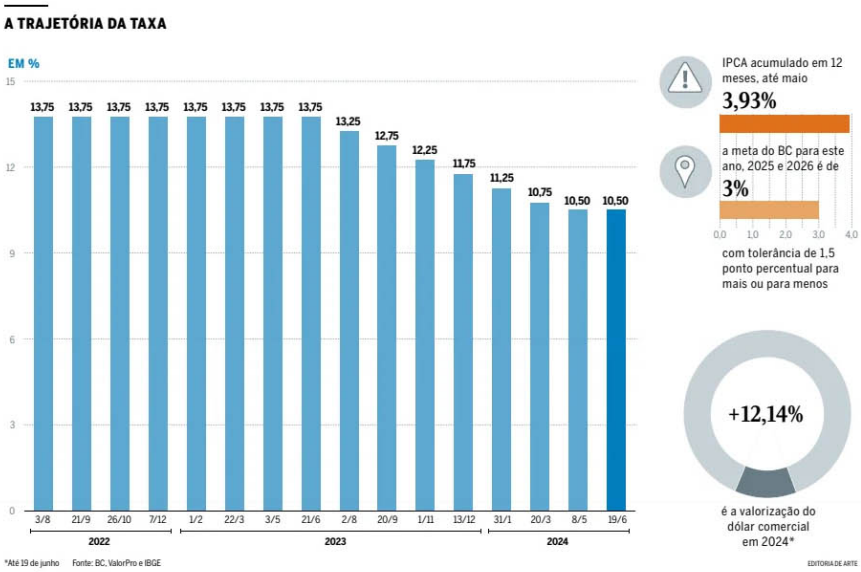
O GLOBO
Publicado em 20/06/2024 - 05:57

Por unanimidade, Copom interrompe queda dos juros



IMUNE À PRESSÃO

SELIC FICA EM 10,5% AO ANO

BC contraria Lula e interrompe corte de juros em decisão unânime

THAÍS BARCELLOS, ELIANE OLIVEIRA E VICTORIA ABEL
economia@oglobo.com.br
BRASÍLIA, RIO E SÃO PAULO

Sob pressão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para reduzir a taxa básica de juros do país, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) interrompeu ontem a sequência de sete cortes consecutivos, iniciada em agosto do ano passado, e manteve a Selic em 10,50% ao ano. A decisão, que já era esperada pelo mercado, foi tomada de forma unânime pelos nove diretores da autoridade monetária, o que inclui os quatro indicados pelo petista.

Além de manter a Selic no mesmo patamar, o comunicado do Copom indica que a taxa de juros deve permanecer em 10,5% por um longo período. A manutenção da Selic desagradou a aliados do governo, que defendem a redução da taxa como forma de impulsionar o crescimento da economia.

O Copom, no entanto, afirmou que o cenário de inflação ainda exige cuidados e não justifica uma mudança nos juros neste momento. "Entre os riscos de alta para o cenário inflacionário e as expectativas de inflação, destacam-se uma maior persistência das pressões inflacionárias globais e uma maior resiliência na inflação de serviços do que a projetada", diz o comunicado.

Além disso, o colegiado traçou um cenário alternativo para a inflação que considera a Selic estável até o fim de 2025. Neste caso, a projeção de inflação do BC para o ano que vem fica em 3,1%, próximo do centro da meta, de 3%.

TENSÃO NA VÉSPERA

A decisão do Copom foi marcada pela tensão criada por declarações de Lula na véspera. Em entrevista à rádio CBN na terça-feira, ele atacou o presidente do BC, Roberto Campos Neto, a quem acusou de ter "lado político" e de não demonstrar "capacidade de autonomia". A crítica se deveu à aproximação do chefe da autoridade monetária com o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, aliado de Jair Bolsonaro e cotado para concorrer ao Palácio do Planalto em 2026.

Havia expectativa especialmente sobre o voto do diretor de Política Monetária, Gabriel Galípolo, visto como o favorito de Lula para substituir Campos Neto em 2025.

Mesmo com as críticas de Lula ao atual líder do BC e ao patamar dos juros na véspera do Copom, Galípolo votou pela manutenção da Selic. A posição do diretor era um dos principais focos de analistas de mercado na busca de sinalizações sobre como deve atuar o BC a partir do ano que vem. Ele tem a difícil missão de se equilibrar entre o que quer Lula e o que o mercado espera dele, conforme mostrou O GLOBO no domingo.

À noite, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, disse ter confiança no Copom.

— Semana que vem tem a ata, vou ler com calma. A economia vai crescer, vai gerar emprego. E isso não será um problema — afirmou Haddad no evento do GLOBO Faz Diferença, no Rio, no qual foi reconhecido como a personalidade da Economia.

Para Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating, o mais importante foi a unanimidade no Copom:

— Essa é uma dúvida que a gente tinha no mercado, ainda mais depois da entrevista do presidente Lula, pressionando o Banco Central, e houve um alinhamento, porque todos os diretores viram que é um momento bastante delicado.

Segundo Álvaro Frasson, economista do BTG Pactual, "o BC reagiu às expectativas de inflação, que se deterioraram."

A interrupção na sequência de cortes ocorre no momento em que o governo tem sido pressionado a apresentar soluções para equilibrar as contas públicas por meio de cortes de despesas, e não apenas aumentando receitas.

O BC repetiu no comunicado que "monitora com atenção" os desenvolvimentos recentes da política fiscal que impactam a política monetária e os ativos financeiros. A condução das contas públicas pelo governo Lula está sob escrutínio desde a mudança das metas fiscais dos próximos anos, em meados de abril. Mais recentemente, cresceram os receios sobre a sustentabilidade do arcabouço fiscal diante da dificuldade do governo de cortar gastos.

O Copom avaliou que a atividade econômica no Brasil se mantém mais forte do que o esperado, assim como o mercado de trabalho. O BC teme efeitos dessa conjuntura sobre a dinâmica de inflação, especialmente de serviços.

Em relação aos últimos dados de inflação, o Copom considerou que a trajetória de alívio continuou, mas que medidas que apontam a tendência inflacionária ficaram acima da meta recentemente.

O BC indicou que a Selic "deve se manter contracionista por tempo suficiente em patamar que consolide não apenas o processo de desinflação como também a ancoragem das expectativas em torno de suas metas." E enfatizou que "se manterá vigilante" e que "eventuais ajustes futuros na taxa de juros serão ditados pelo firme compromisso de convergência da inflação à meta."

'DECISÃO ANACRÔNICA'

Aliados do governo criticaram a decisão do Copom:

— Foi uma decisão anacrônica, com a realidade da economia. A inflação está sob controle, os dados da economia brasileira estão pujantes — disse o líder do governo no Congresso, Randolfe Rodrigues (sem partido-AP).

Para parlamentares da oposição, a decisão do Copom reflete o momento de instabilidade do governo.

— Não me surpreende em nada. Um país que está caminhando para uma aguda crise econômica. Há aumento da inflação, quem está na gôndola do supermercado sabe disso — disse o líder do PL, Carlos Portinho (RJ).

Com a decisão, o Brasil se mantém em segundo no ranking de países com as maiores taxas reais (descontada a inflação). Com juros reais de 6,79% ao ano, só fica atrás da Rússia, com 8,91%, segundo o site MoneYou. (*Colaboraram Letycia Cardoso, Luana Reis e João Sorima Neto*)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia **Pagina:** 15

Copyright © Clipclap 2025.